

'O investidor sabe que o país fez o que era preciso'

Diretor do BC acha razoável a previsão de que o déficit em conta corrente fique entre 3,5% e 3,7% do PIB em 1998

ENTREVISTA

Demosthenes Neto

Central, Demosthenes Madureira de Pinho Neto, consegue fazer um balanço positivo da crise. Segundo ele, o Brasil

Depois da tempestade asiática, o diretor de Assuntos Internacionais do Banco

sairá dessa turbulência melhor do que entrou. Um dos comandantes dos leilões de câmbio que resultaram em perdas de US\$ 8,3 bilhões das reservas internacionais na última semana de outubro, ele prevê que o Brasil encerrará 97 com um nível de reservas próximo ao registrado no fim

de novembro (US\$ 52 bilhões, no conceito de liquidez internacional). O que é motivo de comemoração para quem previu fechar 97 com US\$ 49 bilhões. Cauteloso, ele evita previsões e quando faz usa o termo "por enquanto" para ressaltar que a situação internacional não está superada.

Sheila D'Amorim

BRASÍLIA

O GLOBO: No auge da crise, em outubro, o país perdeu US\$ 8,3 bilhões em reservas. Em novembro, mais US\$ 1,6 bilhão. Qual o nível de reservas previsto para este fim de ano, já que há uma concentração de pagamentos de dívidas nos próximos dias?

DEMOSTHENES MADUREIRA DE PINHO NETO:

A expectativa era fechar o ano com uma nova perda de reservas. Dezembro é um mês sazonalmente adverso porque os administradores de recursos fecham balanço no fim de novembro, alguns no início de dezembro e, a partir daí, não acontece mais nada. O prazo das emissões da República, dos bancos privados e das empresas é a terceira semana de novembro. Mas o que se viu foi que esse cenário de perda de reservas em dezembro não se materializou. Até agora as reservas estão mais ou menos iguais ao volume do mês passado: US\$ 52 bilhões (no conceito de liquidez internacional). Não houve perda quando se esperava que houvesse, pode até haver algum ganho. Antes eu esperava acabar o ano com cerca de US\$ 49 bilhões de reservas. Dezembro nos surpreendeu positivamente e 97 vai terminar numa situação bastante razoável do ponto de vista do setor externo.

• O que mudou?

DEMOSTHENES: Há uma percep-

ção razoavelmente difundida entre os investidores internacionais de que o Brasil fez o que tinha que ser feito. O investidor sabe que o país fez o que era preciso, de uma forma rápida, com disposição e energia política. O presidente imediatamente decidiu fazer um ajuste fiscal ousado e respondeu à crise de uma forma muito decidida. Mudou a percepção do investidor. O Brasil agiu de uma forma que contrasta radicalmente com a reação asiática. Do Japão, até hoje se espera algo mais audacioso. As instituições internacionais têm marcado esta diferença entre Brasil e Ásia.

• Os investidores estão voltando ao Brasil?

DEMOSTHENES: O que vimos em dezembro foi o início do processo de volta dos investidores. Ainda é um início bastante incipiente, tímido. Parte expressiva desses investidores tem uma posição em *cash* significativa. O que começou a acontecer este mês é que a oportunidade de preço de compra ficou muito interessante em alguns mercados latino-americanos e pode ser que em janeiro alguns desses mercados já tenham subido um pouco. Por isso, há alguma entrada pelo Anexo IV (bolsas de valores) e alguns *bonds* estão sendo rolados.

• Em 98, o Brasil terá dificuldades para rolar suas dívidas?

DEMOSTHENES: Em 98, trabalhando com um déficit em conta corrente menor que o de 97, as

necessidades de financiamento externo deverão ficar em torno de US\$ 10 bilhões a US\$ 12 bilhões menores que as de 97. Essa é uma estimativa conservadora. Este ano se fala em financiamento de cerca de US\$ 56 bilhões.

• Qual é a previsão para o déficit em conta corrente?

DEMOSTHENES: Não quero fazer previsões, mas acho razoáveis as previsões do mercado de que em 98 os dois déficits, nominal e em conta corrente, ficarão entre 3,5% e 3,7%. Do lado do déficit nominal, isso dependerá da velocidade de redução dos juros, que dependem da situação externa. Por outro lado, haverá melho-

ra na balança comercial e menor número de amortizações.

• O pânico das economias emergentes que se criou com a crise nas bolsas está afastado?

DEMOSTHENES: Não acho que esteja completamente afastado. Isso vai depender um pouco do comportamento da Ásia. O que



Zuleika de Souza

DEMOSTHENES MADUREIRA de Pinho, diretor de Assuntos Internacionais do BC: O Proer serve de exemplo para a Ásia

cada vez mais se consolida é a diferença entre a Ásia e o resto dos mercados emergentes. É sintomático. Esta semana, enquanto as bolsas coreana e japonesa caíram, a do Brasil subiu. Há, de um lado, uma região em que nitidamente os problemas estruturais são bastante significativos e uma outra região que é percebida não como Primeiro Mundo em termos de estabilidade, mas como uma região que tem feito progressos constantes. Brasil, México e Argentina hoje em dia são percebidos como países que têm um nível de transparência de Primeiro Mundo. Países em que há processos muito semelhantes aos das principais economias do G-7 em termos de privatização, desregulamentação, estabilização etc.

• Mas ainda há risco no mercado internacional?

DEMOSTHENES: Há ainda um problema que não deve ser subestimado, que é o Japão. Ninguém sabe precisamente o nível de créditos podres do setor financeiro japonês e se o pacote lançado pelo Governo será suficiente. O ideal para sanear o setor financeiro é injetar dinheiro para compra de ativos podres por bancos saudáveis, como foi feito no Brasil, através do Proer, que hoje se revela como um grande instrumento de saneamento do setor financeiro. Algo que foi muito criticado na época, hoje em dia, à luz dos acontecimentos na Ásia, é visto como um exemplo do que deve ser feito. ■